

UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTA É UMA EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA.

Lara Mendes dos Santos ¹

Thiciane da Costa Alexandre ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar o processo educativo como um processo de libertação e dignificação para os educandos, para além disso, traz como reflexão nosso papel enquanto futuras educadoras. O referencial teórico estudado dialoga com Paulo Freire, Ira Shor, Rubem Alves e Bell Hooks, autores de referência para o campo educacional. A proposta deste trabalho é defender assim como Freire que o ato de ensinar não é apenas um processo no qual o professor simplesmente deposita informações na mente do aluno, como se o educando fosse um mero reprodutor de ideias. Nesse texto se objetiva um ensino que estimule o pensamento crítico, onde o professor crie condições e contextos que ajudem o aluno a construir seu próprio conhecimento, a partir de sua experiência, curiosidade, cultura e realidade na qual o mesmo está inserido, sendo assim um sujeito ativo do processo de aprendizagem, não apenas um receptor e reprodutor de ideias. Nossa metodologia de ensino pode contribuir significativamente ou não para a aprendizagem de nossos alunos, por isso a ousadia da proposta política – pedagógica de Freire na construção de um paradigma contra-hegemônico de educação, um paradigma que seja capaz de superar a educação transmissiva e a educação bancária, assumir o risco da mudança é objetivar uma educação crítica e libertadora com autonomia e responsabilidade. Logo, a proposta aqui é que o educador libertador reconheça e valorize a linguagem do aluno como legítima, construindo com ele uma ponte entre diferentes universos linguísticos e culturais, rumo à consciência crítica e a transformação social.

Palavras-chave: Educação, libertadora, vivências, educador, educandos.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, lara.mendes@aluno.uece.br;

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, thiciane.alexandre@aluno.uece.br;



INTRODUÇÃO

Quando se fala de uma educação libertadora é indispensável aqui não referenciar Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, autor bem popular quando se aborda a educação em nosso país, que desafia professores sejam eles da educação básica ou do nível superior em trazer reflexões acerca de sua prática como docente, ou seja, de seu posicionamento em sala de aula como educador que põe em prática uma educação autoritária ou que busca uma educação que legitima a história de seus alunos e a valorização das diversas histórias que ali se encontra. Todos esses fatores de acordo com a perspectiva Freiriana podem contribuir positivamente ou negativamente para o processo de aprendizagem dos educandos.

Freire buscou ousar em sua proposta política – pedagógica, na construção de um paradigma contra-hegemônico de educação, um paradigma capaz de superar a educação transmissiva e a educação bancária que tanto o autor critica. Essa perspectiva tem por finalidade a valorização do educando, da sua história, do seu legado, busca um diálogo mais preciso e estreito entre educador e educando. Como evidência Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Como futuras educadoras, é necessário nos perguntarmos: de que forma nossa prática pode libertar e transformar vidas? Estamos, de fato, promovendo espaços de escuta e diálogo, ou apenas reproduzindo velhas fórmulas de ensino? A educação libertadora exige coragem — coragem de rever posturas, de romper silêncios e de reconhecer que ensinar também é se transformar.

As diferenças de linguagem entre educadores e educandos existem, especialmente quando essas diferenças refletem distâncias culturais, sociais e políticas. Diante disso, o educador libertador precisa reconhecer e valorizar a linguagem do aluno como legítima, construindo com ele uma ponte entre diferentes universos linguísticos e culturais, rumo à consciência crítica e à transformação social. Daí a importância que se estabelece na dimensão dialógica e numa conversação sem grande complexidade. Por isso, Freire enfatiza que a educação, “como prática da liberdade”, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.

Assim, a educação que liberta é uma educação que valoriza a fala do aluno, que legitima a mesma, pois a fala do educando precisa e deve ser respeitada como expressão de sua identidade e vivência, vale ressaltar que a linguagem popular não é imprecisa e muito menos



inferior a qualquer outra. Com isso, nota-se que a aprendizagem é dialogada, o educador além de ensinar, dialoga com o educando.

Assim, a educação que liberta é uma educação que valoriza a fala do aluno, que legitima sua expressão como parte de sua identidade e vivência. É por meio da escuta ativa que se obtém essa educação transformadora, que liberta tantos educandos, e que transforma vidas, tendo assim educandos com pensamentos críticos, capazes de refletir sobre a realidade na qual estão inseridos, ou seja, a linguagem é ferramenta de transformação social. O respeito ao linguajar do aluno é um ato político pedagógico que contribui para uma educação mais justa e humanizada.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, que objetiva a compreensão e a prática do que seja a educação libertadora como meio de transformação social. Esta temática é precisa e urgente para nossa contemporaneidade, por tratar de metodologias pedagógicas usadas em sala de aula e os impactos que a mesma pode trazer aos educandos e ao seu processo de aprendizagem. Para tanto, serão utilizados procedimentos metodológicos baseados em revisão bibliográfica e análise documental, visando a importância da relação entre educador e educando numa perspectiva libertadora.

Dito isto, a revisão bibliográfica terá como base livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses que abordam a educação como ato de liberdade. Em nossa pesquisa, destacamos alguns autores que discutem essa temática em seus escritos, como Paulo Freire, Ira Shor, Rubem Alves e Bell Hooks.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Paulo Freire vê o educador como um agente de transformação social, o ato de ensinar não é uma ação neutra, pois toda prática educativa tem uma dimensão política. Diante disso, a escola se configura como um espaço de contradições, onde há disputa de valores, ideias e visões de mundo. Neste cenário, a educação deve ser uma prática de liberdade e não de dominação, isso faz toda diferença para os educandos.

Essa pedagogia libertadora se propõe formar consciências críticas, sem manipular ou doutrinar, mas orienta o aluno a pensar por si mesmo e não a pensar como o professor, isso



tem total relevância para a formação de indivíduos pensantes e críticos, que podem contribuir positivamente em seu meio social. Freire nos afirma que, “A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. E as pessoas transformam o mundo” (Freire, 1996, p. 67).

Evitar o proselitismo é essencial: não se deve impor uma visão de mundo de forma autoritária ou dogmática, pois a pedagogia libertadora respeita a autonomia do aluno, mesmo quando ele pensa diferente. A transformação começa no cotidiano, nas segundas-feiras comuns, como metaforiza Freire, e se revela nas pequenas atitudes do educador que acolhe, ouve e provoca reflexão. Ser educador libertador é um desafio constante, sobretudo em contextos de desigualdade, mas o resultado — formar indivíduos críticos e autônomos — é profundamente recompensador.

É necessário, evitar o proselitismo. Não impor uma visão de mundo de forma autoritária e dogmática, pois a pedagogia libertadora respeita a autonomia do aluno, mesmo quando se pensa diferente. A transformação começa no cotidiano, começa na sala de aula na segunda feira pela manhã como Freire bem metaforiza, começa na reflexão de nossas ações, até mesmo naquelas que parecem nem ser tão relevantes assim. É desafiador o papel de educador, como esse agente que transforma a prática social, na maioria das vezes em condições difíceis, entretanto, o resultado de formar indivíduos capazes de pensar de forma própria e criticamente é recompensador.

Bell Hooks (2017) afirma que a escola é um espaço de construção social e deve ser o local onde se combate às desigualdades, seja de gênero, sexualidade, raça, deficiência ou crença religiosa. A autora, assim como Freire, nos convida a uma educação que se manifeste como exercício da liberdade, ultrapassando as fronteiras e barreiras que possam ser estabelecidas pela raça, gênero, classe social e outras diferenças. Enfatizamos que é somente através desse caminho que conseguimos edificar uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva para todos.

Por este mesmo caminho, Ira Shor, busca uma educação transformadora, que não se objetive apenas a aprendizagem de conteúdo, mas também o questionamento das estruturas sociais e que por fim venha promover a consciência crítica. Propõe-se que os professores criem ambientes de aprendizagem dialógicos e participativos. Shor (1992) nos ensina que, a educação



é mais do que fatos e habilidades. É uma experiência de socialização que ajuda a formar as pessoas que fazem a sociedade.

Por fim, Rubem Alves, psicanalista e educador brasileiro, vê a educação como objeto de transformação, é por meio dela que se promove os valores humanos, o autoconhecimento e a reflexão sobre a vida. Alves enfatiza que o aluno deve refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade, exercendo autonomia e responsabilidade, ou seja, defende uma educação humanizada, em que valores éticos e afetivos façam parte do aprendizado.

Em seu livro “Conversas com quem gosta de ensinar”, destaco o capítulo “Sobre Jequitibás e Eucaliptos”, onde Rubem Alves faz uma comparação entre jequitibás e eucaliptos para falar sobre diferenças de natureza e crescimento, os jequitibás como árvores nativas, crescem lentamente, com profundas raízes, representam tradição, raízes culturais, autenticidade e conexão com o ambiente natural. Já os eucaliptos, simbolizados como árvores importadas, que crescem rápido, de madeira uniforme, representam produção em massa, padronização, eficiência e utilitarismo.

A proposta deste texto é trazer a metáfora desses dois vegetais, simbolizando um enquanto professor, enquanto o outro como educador, ou seja, uma educação que valoriza apenas eficiência e produtividade, estaria representada como os eucaliptos, pois pode calar a criatividade e a diversidade do indivíduo. Já a educação que respeita a singularidade de cada pessoa, é representada como os jequitibás, por promover autonomia, a reflexão e o crescimento integral.

É desta maneira que Alves critica a educação padronizada, que transforma estudantes em “produtos uniformes” ou “eucaliptos”, a conteúdos decorados sem reflexão crítica, a negligência da curiosidade, imaginação e sensibilidade. É necessário um modelo mais humanizado e plural, que respeite o tempo, ritmo e natureza de cada aluno. Pois, educar não é apenas produzir, mas cultivar, como um jequitibá, o aluno deve crescer no seu próprio ritmo, com profundidade e autenticidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa qualitativa evidenciam que a educação, quando concebida como prática libertadora, ultrapassa a dimensão de simples repasse de conteúdos e assume um caráter transformador na vida dos educandos. A análise permitiu identificar que



práticas pedagógicas dialógicas, que valorizam a escuta e a participação dos alunos, favorecem a formação de sujeitos críticos, conscientes e engajados com sua realidade social.

Mas é preciso ir além: que tipo de sujeitos temos formado? Alunos que decoram respostas ou cidadãos que questionam as perguntas? Libertar é permitir que o aluno descubra o poder de sua voz e compreenda que o conhecimento pode ser ferramenta de mudança.

A investigação demonstrou que o processo educativo libertador se diferencia pela valorização das vivências e das linguagens dos estudantes, fortalecendo sua identidade e reconhecendo suas experiências como parte constitutiva do aprendizado. Nesse sentido, o professor não atua como transmissor de informações, mas como mediador que constrói com o educando caminhos de reflexão e autonomia.

A discussão dos referenciais teóricos também permitiu compreender que a escola, ao adotar uma perspectiva libertadora, torna-se um espaço de enfrentamento às desigualdades sociais, culturais e políticas. A educação, nesse formato, contribui para a formação de indivíduos que não apenas assimilam informações, mas que também questionam e buscam intervir de forma consciente em sua comunidade.

Outro ponto relevante identificado foi a necessidade de uma prática educativa que respeite o ritmo, a singularidade e a criatividade de cada estudante. A valorização da diversidade dentro do espaço escolar mostra-se essencial para a construção de um processo de aprendizagem mais humanizado, capaz de promover tanto o desenvolvimento individual quanto a transformação coletiva. Assim, uma educação libertadora é também uma educação afetiva: aquela que reconhece o outro como ser completo, com corpo, emoção e história. Nela, o professor aprende junto e o aluno ensina também. Essa reciprocidade é o que dá sentido à transformação social.

A postura do educador, o tom de voz utilizado e o acolhimento oferecido em sala de aula são elementos que reforçam a prática libertadora. Não se trata apenas do que se diz, mas de como se diz, pois esses aspectos comunicacionais influenciam diretamente a construção de um ambiente democrático e de respeito mútuo. Assim, os resultados confirmam que a educação que liberta é, de fato, uma educação que transforma, na medida em que fortalece a autonomia, estimula o pensamento crítico e reconhece o papel do educando como sujeito ativo de sua própria história.



CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou refletir sobre a relevância da educação libertadora como alternativa concreta diante dos desafios enfrentados pela educação contemporânea. Constatou-se que uma prática pedagógica crítica e dialógica contribui para superar modelos transmissivos e bancários, promovendo os educandos a autonomia, a consciência crítica e a capacidade de intervir em sua realidade social.

Ao valorizar a escuta, a diversidade cultural e a singularidade dos sujeitos, a educação libertadora reafirma-se como caminho para a construção de uma escola mais inclusiva, democrática e humanizada. Nesse sentido, compreende-se que educar não se limita ao repasse de conteúdo, mas consiste em um processo de transformação mútua entre educadores e educandos, que juntos constroem saberes e fortalecem a cidadania. Educar, portanto, é um ato de esperança: um gesto de fé na capacidade humana de aprender e de se reinventar.

Portanto, compreender que a transformação também se expressa em atitudes cotidianas — como o tom de voz, a postura e o acolhimento — é reconhecer que a prática pedagógica libertadora se constrói na soma de gestos éticos e respeitosos que fortalecem a autonomia do educando, isso contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, e estabelece uma relação mais sólida entre educador e educando.

Uma educação que liberta é uma educação que transforma porque reconhece no outro a potência de ser mais. Ela não se encerra na sala de aula — continua nas ruas, nas comunidades e nas vidas que, ao compreenderem seu valor, passam também a transformar o mundo.

Dessa forma, conclui-se que a educação libertadora permanece essencial para a formação de indivíduos críticos e participativos, capazes de enfrentar as desigualdades e de colaborar na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e plural. Sua relevância na atualidade está no fato de oferecer horizontes de mudança, resistindo às práticas homogeneizadoras e reafirmando a potência transformadora do ato de educar. Como enfatiza Freire (1968), a educação autêntica, que não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo, não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir valores e conhecimentos. Pelo contrário, é um ato cognoscente. É o encontro dos homens para pronunciar o mundo, e não para dizer palavras ocas e vazias, mas para



transformar o mundo. Essa é a verdadeira educação libertadora, que reconhece os educandos como sujeitos de sua própria formação. Esse encontro — feito de diálogo, amor e compromisso — é o que verdadeiramente liberta e transforma.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. ISBN 978-85-7827-703-1. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso em: 23 mar 2025.

SHOR, Ira. **Empowering education: critical teaching for social change**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

